

A vocação terciária de uma cidade dividida

por Beth Cataldo
de Brasília

O empresário Antônio Fábio Ribeiro não costuma discutir em Brasília os méritos de uma política cambial austera ou o ponto de equilíbrio da taxa cambial. A matéria-prima desse empreendedor, que está há 24 anos na capital federal e preside a Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra), é outra. Pode ser o barro de excelente qualidade encontrado na cidade de Padre Bernardo e o pólo editorial a ser consolidado a partir da indústria gráfica brasiliense. Ou ainda a convicção de que a vocação terciária de Brasília pressupõe uma forte vertente turística e tecnológica.

Afinal, Ribeiro é um habitante do que chama, numa terminologia peculiar, de "Brasília Ocidental": o lado em que se concentram os empresários privados, o governo local, as cidades-satélites. Tudo aquilo, enfim, que costuma caracterizar uma metrópole como outra qualquer do País.

A capital conhecida da maioria da opinião pública nacional e que frequenta as primeiras páginas dos jornais é a "Brasília Oriental". Lá podem ser localizados o Congresso Nacional, a Esplanada dos Ministérios e os funcionários da alta burocracia federal. É um conjunto que representa 30% da economia da região. Ainda há um terceiro ente, ele relaciona, que é a "Brasília Periférica" e que tem a alma nos assentamentos pobres de áreas distantes e carentes.

Capital fragmentada

O presidente da Fibra defende a metamorfose de todas essas faces numa única cidade, imaginando-a próspera para seus próprios habitantes e capaz, ainda, de cumprir as melhores profecias da época de sua fundação, transformando-se no grande núcleo de liderança da região Centro-Oeste. "Tenho a impressão, às vezes, de que é preciso tomar um avião para atravessar as distâncias que se ergueram entre as três Brasília", lamenta.

As saídas propostas por Ribeiro para curar essa fragmentação da capital do País não esbarram em nenhuma tarefa mirabolante. São simples. E começam pela certeza de que é preciso preservar e aprimorar o nível de qualidade de vida na cidade, estimulando formas diversificadas de ocupação econômica. "A maior vocação de Brasília é terciária", sustenta Ribeiro, que projeta apenas a duplicação da atual parcela de 10% da indústria no PIB local.

A vocação terciária nasce, segundo ele, das próprias características administrativas da cidade, que abriga



Antonio Fabio Ribeiro

hoje cerca de 2 milhões de habitantes e é dotada de uma infra-estrutura moldada à condição de capital.

O que antevê é a possibilidade de Brasília transformar-se em importante centro turístico, ocupando um espaço privilegiado na atração de eventos nacionais e internacionais, principalmente aqueles voltados para temas políticos e sociais. "Podemos ser a grande sede de eventos das Américas", resume. O que pressupõe a formação de uma rede hoteleira de alto nível e a preparação de seus administradores para atender a essa clientela especial.

Estímulos

Os pontos de contato entre as características da capital e o seu projeto de desenvolvimento não se limitam a essa proposta. O presidente da Fibra defende o impulso à indústria eletroeletrônica, à informática e à produção de alimentos, como alternativas mais recomendáveis às especificidades de Brasília.

No caso da indústria de alta tecnologia, como a informática, aponta as oportunidades abertas numa cidade que absorve necessariamente parte da inteligência nacional transportada para as obrigações do serviço público federal. Ainda é possível contar com a produção própria de cérebros, tendo como ponto de apoio um ensino de qualidade na Universidade de Brasília, a UnB, e em centros de pesquisa.

Alguns passos concretos foram dados no rumo desses objetivos. Em Brasília, a taxa do ICMS para as empresas produtoras de software caiu de 7 para apenas 0,5% e, no caso do hardware, foi reduzida de 17 para 7%. Uma das empresas locais de informática, a Novadata, conta com o disputado certificado de qualidade ISO-9000.

A ênfase na indústria de alimentos, por sua vez, pode ser justificada por outra vocação unanimemente apontada em Brasília: a agroindústria. A imensidão dos cerrados vazios onde a cidade foi plantada por Juscelino Kubitschek corresponde hoje a uma fronteira agrícola em constante expansão. Antônio Fábio Ribeiro lembra que nesse meio tempo a tecnologia de

ESPAÇO PARA AS MICROS

O diretor-superintendente do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), no DF, José Luiz Barbosa Passos, avalia que existem hoje cerca de 35 mil microempresários em Brasília e que a cidade comportaria mais 35 mil, totalizando 70 mil pequenos negócios. "Temos um universo de 700 mil pessoas economicamente ativas", argumenta Passos, afirmando que ainda há espaço para o crescimento desse setor na capital federal.

De acordo com José Luiz Passos, 85% das micro e pequenas empresas do DF estão voltadas para o comércio e serviços. Ele acredita que os outros 15% estão ligados a atividades industriais, um setor mais difícil de ser desenvolvido em Brasília. "A vocação da cidade é para serviços", considera. Apesar disso, ainda de acordo com o superintendente do Sebrae, o crescimento de empresas agroindustriais tem sido bastante significativo.

Passos afirma que o custo e o tempo gastos para a geração de um posto de trabalho são entre US\$ 4 mil e US\$ 7 mil e em 15 dias nas pequenas, enquanto nas grandes esses números sobem para US\$ 30 mil e dois anos, respectivamente.

utilização das terras do cerrado foi dominada, a ponto de a região produzir hoje o melhor café do Brasil ou dispor de pastagens privilegiadas para comportar uma forte atividade pecuária.

Mas falar de atividade econômica no Distrito Federal tem como tema obrigatório a construção civil, setor em que o próprio presidente da Fibra construiu sua história de sucesso empresarial, mais precisamente na Encol, a maior empresa brasileira de edificações habitacionais. Basta percorrer o Plano Piloto, as cidades-satélites ou os assentamentos para comprovar a afirmação de Ribeiro de que "a cidade ainda está em construção".

Há outros dados eloquentes. Apenas duas fábricas de cimento — a Ciplan e a Votorantim — respondem por dois pontos percentuais da participação de 10% da indústria no PIB local. As duas fábricas produzem juntas cerca de 70 mil toneladas de cimento por mês, das quais 40 mil são absorvidas pela indústria formal da construção civil. As demais 30 mil toneladas são consumidas em pequenas construções espalhadas pelas áreas de assentamento. No ano passado, o setor da construção civil cresceu, em média, 4% em todo o Brasil. No Centro-Oeste, esse crescimento foi de 18% e apenas no Distrito Federal chegou a 26%.